

# CLASSIFICAÇÕES E ACHADOS

PELO ENG. J. FERRARO VAZ.

De um capítulo da «Numária Medieval Portuguesa», em preparação.

A evolução das primeiras moedas portuguesas é muito lenta e oferece poucos elementos para apoiar uma classificação cronológica, principalmente no que diz respeito aos soberanos que reinaram antes de Afonso III; e é natural esbarrarmos com dificuldades de toda a ordem, dada a escassez de monumentos, nesse glorioso tempo da fundação da Nacionalidade em que defesa e conquista exigiam esforços sobrehumanos para consumir numa luta devastadora e sem tréguas.

Mas, para agravar o problema, acresce a circunstância de haver mais de um rei do mesmo nome (Afonso e Sanchos) a mandar bater moeda em épocas muito próximas e sem indicativo ordenador (1).

Estas dificuldades que apontamos são bem notadas e postas em relevo por TEIXEIRA DE ARAGÃO ao tratar da classificação dos *dinheiros* na sua obra monumental, como se poderá avaliar nos três períodos abaixo transcritos:

(Sancho I) «Distinguir os *dinheiros* lavrados no reinado de D. Sancho I dos de seu neto D. Sancho II é, actualmente, para nós uma tarefa invencível.

---

(1) Esta omissão, que parece geral nas moedas, nem sempre se verifica noutros documentos: ARAGÃO diz ter encontrado «um sêllo de chumbo de D. Affonso III, tendo em seguida ao nome a designação de *tercio*» (*Descrição Geral e Historica das Moedas...*, I, 49); e VITERBO transcreve uma passagem do foral de St.<sup>a</sup> Cruz da Villariça, de 1225, onde se lê «Ego Rex Santius Secundus» (*Elucidario*, I, 235, 2.<sup>a</sup> ed.).

As epochas são proximas, e por conseguinte os typos pouco variados» (1).

(Afonso II) «É muito provavel haver D. Affonso II mandado lavrar moeda de bilhão; mas as difficuldades em as determinar são identicas ás que apontâmos nas dos Sanchos; os typos confundem-se, e por isso confessâmo-nos incompetentissimos para este trabalho» (2).

(Sancho II) «Confessâmos novamente a impossibilidade de classificar as moedas que pertencem ao primeiro ou ao segundo Sancho; só por conjecturas, que carecem de melhor fundamento, grupâmos os seis *dinheiros* n'este reinado» (3).

Posto assim o problema pelo mestre da numismática portuguesa, é preciso ir buscar razões especiais que autorizem a pretensão de modificar ou ampliar a sua científica e criteriosa classificação; e por isso devemos começar por definir tais razões.

Como é natural, ARAGÃO apoiou o seu estudo nos documentos que apareceram até à sua época; mas, decorridos três quartos de século, novos elementos surgiram a considerar no problema da classificação geral, o que poderá dar origem a soluções diferentes.

De qualquer maneira que se encare o novo material conhecido, difficilmente arrumável nas séries estabelecidas, teremos notavelmente enriquecida a numária primeva, o que já é motivo bastante para alguma coisa se dizer a propósito de assunto tão atraente, quer pelo lado histórico e artístico que envolve, quer pelas difficuldades que se encontram no seu estudo.

Antes de mais, interessa passar em revista o que se tem feito em matéria de classificação dos *dinheiros*, atendendo à cronologia dos factos para pôr em relevo a sua evolução ligada ao gradual aparecimento de novos exemplares.

LOPES FERNANDES (1856) não conhece moedas attribuíveis a Afonso I e Afonso II, conforme consta da sua *Memoria das Moedas Correntes em Portugal*, onde diz:

(1) ARAGÃO, *ib.*, 152.

(2) *Ibidem*, 155.

(3) *Ibidem*, 159.

«Pelos *Soldos* ou *Maravedís* de ouro, e de prata, se faziam os nossos contractos, os primeiros de ouro que achamos são os fabricados pelo Sr. D. Sancho, e nenhuma moeda portugueza encontramos lavrada anteriormente» (pag. 27); e, ainda,

«Consta de varios documentos que os Srs. D. Affonso II e D. Sancho II usaram do seu numero de Segundos, porém nos Sêllos e nas moedas se não encontram, não podendo por isso conhecer-se as moedas que mandaram lavar» (pag. 33).

E assim, este autor distribui os *dinheiros* então conhecidos por Sancho (I e II), Afonso III, Dinis e Afonso IV, como se poderá ver na gravura I (1).

É interessante notar que LOPES FERNANDES não atendeu ao valor da figuração das quinas e ao novo título do soberano «ET ALGARBI», visto aparecerem posteriormente a D. Dinis as moedas n.ºs 8 e 9, onde os besantes estão ainda na fase evolutiva de número e posição, e nas legendas se lê apenas «ALFONSVS REX» «PORTVGAL».

ARAGÃO (1874) já conhece mais elementos que o levam a rever os resultados dos estudos de LOPES FERNANDES e, com todas as reservas (como anotámos), faz uma classificação que modifica e amplia a anterior (2).

Aqui já aparecem *dinheiros* atribuídos a Afonso I e se dividem melhor os dos Sanchos, ficando apenas sem atribuição o segundo Afonso, como se mostra na gravura II (3); e, a par dos novos elementos revelados, nota-se grande diferença na arrumação.

(1) Há ainda os *dinheiros* de D. Fernando, que se omitem por não oferecerem dúvidas. O segundo *dinheiro* está mal desenhado: onde está SANCIO REX deve ser, depois de rodar 180º, ✠ REX SANCIO. E também o sexto deve estar mal reproduzido: em todos os exemplares que conhecemos nunca vimos uma cruz dentro do escudo; nos mais perfeitos vê-se nitidamente um ponto ou besante.

(2) *Obra citada.*

(3) O n.º 3 de Afonso I aparece com uma cruz no campo do escudo, o que deve ser engano; e o n.º 2 de Sancho I é, como diz ARAGÃO (I, 152), copiado da obra de LOPES FERNANDES e, por isso, merece os mesmos reparos feitos a propósito (v. nota 1). O n.º 4 de Sancho I (mealha) está mal interpretado no averso: em vez de REX SANCIVS, como está, deve ser ✠ REX SANCIO. Finalmente, o n.º 3 de Sancho II estará mal orientado, devido à má interpretação das quinas; na posição normal a leitura é SANCII REX.

M. ALEXANDRE DE SOUSA (1887), ao dar notícia de um novo *dinheiro* batido em nome de Sancho (1), tenta uma nova atribuição na numária dos reis deste nome, terminando por architectar o que vai ilustrado na gravura III.

Mais tarde, A. FERREIRA BRAGA (1917-1921), num estudo sobre «Moedas da Primeira Dinastia» (2), conclui que as primeiras moedas portuguesas apareceram com Sancho II (3) e dispõe, então, na numária deste Rei tudo o que antes se distribuía pelos dois Sanchos.

Finalmente novos e interessantíssimos *dinheiros* são revelados, sem suscitarem arrumações diferentes, destacando-se entre eles três exemplares lavrados em nome de Afonso, atribuíveis aos dois primeiros reis deste nome — grav, IV, a, b e c (4).

\*

Agora, temos a acrescentar à lista dos últimos documentos aparecidos um interessante achado de moedas, em Portalegre (5), anunciado no jornal *A Rabeca* de 17 de Maio de 1950, nos seguintes termos:

---

(1) In *Revista Archeologica e Historica*, I, 60 e estampa IX. A novidade é o número 7 da gravura III; mas, a ajuizar pelos exemplares conhecidos, estão mal desenhados os escudetes (todos voltados para fora) e, por isso, foi mal orientado o anverso, que necessita rodar de 90° da direita para a esquerda — lendo-se, então, correctamente, SANCII REX.

(2) In *O Archeologo Português*, vols. XXII, 207 e XXV, 98.

(3) Como já opinara JOÃO PEDRO RIBEIRO — *Dissertações Chronologicas e Criticas*, IV, parte II, 143 da 2.ª edição, 1867.

(4) Descritos: o primeiro (fig. a), no *Catálogo das Moedas Portuguesas do Museu Municipal do Pôrto*, de DAMIÃO PERES, t. I, Porto 1929 — note-se, a propósito do autor admitir ser inédita tal moeda, quando em 1925 lhe dá publicidade na *Revista de Estudos Históricas*, que já em 1906 J. SCHULMAN nos mostra um exemplar no catálogo de venda da *Col. «Judice dos Santos»*; o segundo (fig. b), in *Diário de Notícias* de 20. I. 1937, «Uma Moeda Inédita de El-Rei D. Afonso Henriques» por PEDRO BATALHA REIS (v. também, do mesmo autor, «Uma Moeda de Alta Raridade» no *Diário de Notícias* de 25. X. 52 e «Numaria d'El-Rei Dom Afonso Henriques» in *Nvmmvs*, I. n.º 1) — o exemplar reproduzido na fig. b é uma variante da mesma moeda que, bem conservada, vem revelar os segredos do seu figurado, aliás notável por ser semelhante ao que se vê em alguns dinheiros dos duques de Borgonha; o terceiro (fig. c), in *Dinheiros e Mea-lhas Portuguesas*, de J. E. Porto, Lisboa, 1949. — a reprodução da gravura, pouco favorável a exame, é feita com certas reservas porque não conseguimos ver a moeda.

(5) Assunto de comunicações no Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia (23. III. 952) e na Associação dos Arqueólogos Portugueses (15. IV. 952).

«CURIOSO ACHADO DE MOEDAS ANTIGAS»

«Numa pedreira junto ao Castelo do Atalaião e pertencente ao Sr. António Rodrigues, fabricante de quadros e rolhas de cortiça, os trabalhadores que ali procedem ao arranque de pedra encontraram, há dias, dois mealheiros de barro, contendo cerca de três quilos de moedas de cobre, talvez umas cinco mil.

A sua identificação torna-se difícil, dado o estado carcomido em que se encontram. Afiguram-se, no entanto, datarem do ano de 1700.»

Em Março de 1951, por indicação de um distinto coleccionador (1), tivemos oportunidade de adquirir as moedas deste achado quase na totalidade. E dizemos quase na totalidade porque, segundo informações colhidas, só algumas moedas tinham sido retiradas para satisfazer a curiosidade de pessoas das relações do proprietário; e, além disso, o tesouro não condizia bem com a descrição do jornal nem com as informações que nos deram à data da aquisição... o que milita a favor da ideal hipótese, para o nosso caso, de não ter havido ingerência de pessoa conhecedora.

De facto, o tesouro adquirido, em vez de pertencer ao ano 1700, já existia no século XIII, à data em que teria sido escondido entre as pedras que, ora, são do Sr. Rodrigues. Trata-se, nem mais nem menos, de um conjunto de *dinheiros*, que poderemos enumerar e determinar genêricamente, fazendo referência aos números clássicos de ARAGÃO e de HEISS (2), em lista mui resumida, a saber:

AFONSO VII, de Castela,	4	exempls. do n.º 4 de HEISS (sob Afonso I, <i>el batallador</i> );
SANCHO I, de Portugal,	463	» » » 3 » ARAGÃO;
SANCHO II, » » ,	4	» » » 1 » » ;
	e 2.504	» de vários n.ºs de ARAGÃO e outras;
AFONSO III, » » ,	668	» » » » » » » » ;
Tudo num total de . . .	3.643	exemplares

(1) O Ex.<sup>mo</sup> Sr. A. BENITO MAÇAS que, sabendo o nosso interesse, teve a amabilidade de nos chamar a atenção para a notícia.

(2) ARAGÃO, *ob. cit.*; e Heiss, *Description General de las Monedas Hispano-Cristianas*,

É grande e notável, além de grosseira, a diferença entre as descrições do achado e aquilo que dele adquirimos, tanto em qualidade, pois não há paralelo entre moedas dos séculos XIII e XVIII, como em quantidade, destacando-se que os três quilos referidos nunca poderiam corresponder aos 5.000 *dinheiros*, mas sim a um número que deveria ser da ordem dos 4.000 ou inferior, isto é, aproximar-se muito daquele que verificámos (1).

Tudo concorre, portanto, a favor da possibilidade de não ter havido manejos de numismata e, conseqüentemente, afastamento de peças escolhidas; contudo, a dúvida obriga-nos a tomar com toda a reserva as ilações que se poderiam tirar afoitamente da análise do conjunto, se houvesse a certeza de tudo se conservar intacto. Por tal razão só daremos conta de determinadas ideias ocorridas a propósito; e, mesmo assim, só o faremos depois de descrever mais detalhadamente as peças componentes do achado e juntar outro material auxiliar e portador de mais subsídios.

Temos várias razões para não aceitar a classificação de ARAGÃO quanto ao n.º 3 de Sancho I e ao n.º 1 de Sancho II, exemplares estes para que tentaremos justificar oportunamente (2) a transferência de posições, ou seja:

— O n.º 3 de Sancho I, passando a iniciar a numária de Sancho II;

— O n.º 1 de Sancho II, regressando para o primeiro lugar dos *dinheiros* de Sancho I (3).

Se aceitarmos a transposição de reinado entre estes números de ARAGÃO poderemos resumir o achado em outra lista mais simples e mais aliciante:

AFONSO VII de Castela	4 exemplares;
SANCHO I de Portugal	4 » ;
SANCHO II » »	2.967 » ;
AFONSO III » »	668 » ;
Total . . .	3.643 exemplares

Esta abundância de peças, algumas de relativa raridade até então, além de nos facultar um grande número de variedades para enriquecer

(1) 5.000 *dinheiros* x 0,75 (peso médio) = 3.750 grs.; mas os *dinheiros*, oxidados e com materiais aderentes, tinham peso superior a 0,75, o que reforça o caso por fazer baixar o número de peças correspondentes a 3 quilos de peso.

(2) No capítulo seguinte, onde serão tratadas as alterações a fazer às séries de ARAGÃO.

(3) Como já fora classificado por LOPES FERNANDES (v. grav. I).

as mui limitadas séries dos nossos primeiros reis, permitirá indagar das suas leis à custa do sacrifício de algumas e determinar a metrologia que as rege por uma escolha criteriosa das peças que se apresentam em estado de concorrer para um peso médio que se aproxime da verdade.

Como informação complementar ao que relata *A Rabeca*, disseram-nos na casa do proprietário do achado, onde as moedas estavam em dois volumes separados, mais o seguinte:

- a) Os mealheiros foram partidos para lhes extrair os conteúdos;
- b) Esses vasos teriam a forma que ainda hoje é muito comum aos mealheiros de barro que se vendem nas feiras do País, principalmente nas do Norte;
- c) Cada volume dos que nos apresentaram continha as moedas de um mealheiro.

A estes elementos informativos há ainda a acrescentar o facto de termos obtido alguns fragmentos de barro, que se ajustaram bem às descrições e a um esboço dos recipientes das moedas, que nos forneceram.

Como dados resultantes da análise das espécies que compunham os dois volumes, anotamos:

- a) Num deles só havia moedas de Afonso III, enquanto que as restantes, mais antigas, preenchiam o outro;
- b) Os *dinheiros* de Afonso III podiam separar-se facilmente em dois grupos distintos pelo simples aspecto — um, de moedas branqueadas e módulo maior, outro, de moedas negras e de módulo menor — verificando-se, ainda, serem diferentes nos dois grupos a grandeza e forma de letras e símbolos, e haver entre as peças negras uma grande quantidade sem vestígios de uso;
- c) Os *dinheiros* de Sancho II, muito bem conservados na sua maioria, mostravam gradações notáveis de uso por tipos — sendo os do n.º 1 de ARAGÃO (Sancho II), os mais usados; e os do n.º 3 do mesmo autor e rei, os que incluíam os menos usados — alguns apresentando também traços de branqueamento.

\*

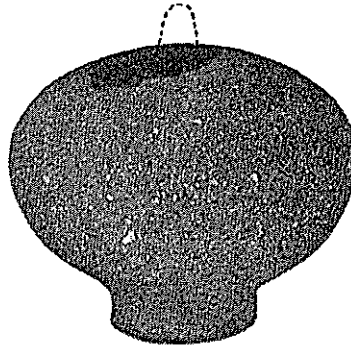
Faremos aqui um parêntesis para chamar a atenção sobre o informe que acabamos de dar a respeito das moedas de Afonso III se poderem dividir pelos seus aspectos de branqueadas e de negras, pondo-o em

confronto com o que consta de um substancial documento de Santa Cruz de Coimbra, de 1270, que G. DE ALMEIDA SANTOS transcreve e comenta em artigo publicado em *O Archeologo Português* (1).

Este documento, onde se nomeiam vários utensílios de cunhar moeda e outros objectos guardados no tesouro régio, fala-nos de «denariis brangidos et nigris» aí existentes... e isto parece deveras curioso, mormente para o caso presente, pela ligação dos factos e suas possíveis consequências, como adiante se verá na arrumação dos *dinheiros*.

\*

O interesse dos pormenores que vimos de fornecer poderá ser realçado desde já por alguns elementos que derivam de outro importante achado de *dinheiros*, conhecido por amável informação do numismólogo e nosso particular amigo, Sr. major ISMAEL SPINOLA. A notícia resume-se em pouco: na herdade da Gramacha, junto à estrada que liga a freguesia



Mealheiro da Gramacha (1/2 grandeza)

de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> de Machede a Évora, apareceram, aí por 1949, dois mealheiros contendo moedas batidas em nome dos reis Afonso III, Dinis, Afonso IV e Pedro I; e deste achado conseguiu o Sr. major SPINOLA verificar e salvar algumas moedas de um mealheiro, adquirindo este e quase todo o conteúdo.

Não obstante a notícia carecer de pormenores, o acontecimento é providencial e cheio de interesse, já pelo facto de nos proporcionar um

---

(1) Vol. III, 209.



número considerável de exemplares de *dinheiros* dos reinados seguintes aos representados no achado do Atalaião, já por permitir aceitar por boas as informações obtidas acerca da forma e grandeza que teriam os mealheiros desta origem e da época do rei D. Afonso III, à vista de autêntico exemplar dos que usaram, pouco mais tarde, os contemporâneos do seu bisneto, o Rei Justiceiro.

Ainda tentámos encontrar alguma notícia de achados afins que pudessemos aproximar dos que vimos de anunciar mas, infelizmente, foi trabalho baldado porque as descrições existentes são muito sumárias e imprecisas ou se referem a outras épocas, como acontece nos dois casos seguintes, dignos de nota, contudo, em virtude de se localizarem no tempo que envolve as idades dos tesouros do Atalaião e da Gramacha.

ARAGÃO regista, em termos muito vagos, um tesouro que deveria ser de época anterior a Afonso III, achado próximo à vila de Pernes, que continha uma moeda atribuída ao Rei Fundador «dentro de um vaso de barro, junto a mais de 200 *dinheiros* de D. Sancho, todos com o typo dos cinco triangulos» (1).

MANUEL JOAQUIM DE CAMPOS, sob o título de «Um thesouro do seculo XIV» descreve in *O Archeologo Português* (2) um achado de moedas de D. Fernando com minúcias e conclusões de Mestre... mas, isto é já de época posterior àquela em que os *dinheiros* predominavam e quase eram a única moeda corrente; e, talvez por isso, o vaso que continha o tesouro já não era um mealheiro.

Resta, portanto, o conhecimento dos dois achados afins e complementares, o do Atalaião e o da Gramacha (3), onde aparecem quatro mealheiros semelhantes representando duas épocas — D. Afonso III e D. Pedro I.

Não será ocioso anotar a particularidade de nos aparecerem em ambos os achados uma ligação íntima entre *dinheiros* e mealheiros e fazer nesta altura algumas observações que nos ocorrem, mesmo só pondo em jogo os elementos mercedores de consideração.

---

(1) *Ob. cit.*, I, 145 e Est.<sup>a</sup> II — n.º 3 de Afonso I e n.º 1 de Sancho II. Note-se que este achado algo nos diz a favor da deslocação de tal *dinheiro* «dos cinco triangulos» para a numária de Sancho I, como atrás propomos.

(2) Vol. IX, 300.

(3) Ainda, em referência a achados e sua localização, interessa mencionar: as moedas com o pentalfa, n.º 4 de ARAGÃO, aparecidas em Coimbra (v. *O Arch.*, XXIII, 268); e as moedas com o duplo báculo (grav. IV, b) provenientes de Coimbra e Óbidos.

A circunstância de as moedas de Afonso III estarem separadas, num dos vasos, poderá ser aproveitada para determinar com maior aproximação a data em que o tesouro teria sido escondido. Como é sabido, pela Lei de Abril de 1261 (Cortes de Coimbra), foi estabelecido, entre outras coisas, que «duodecim denarii de moneta noua» valessem «sexdecim denarios de ueteribus denariis»; e, assim, se havia razão para separar os *dinheiros* de Afonso III de outros, dos anteriores reinados, deveria ela resultar desta lei que estabeleceu diferença de valor entre *dinheiros* novos e velhos; o que limita o momento, em que foi escondido o tesouro, entre duas datas — a de Abril de 1261 e a do advento do reinado de D. Dinis (1).

Esta mesma razão, que emana da Lei de 1261, poderia explicar a falta de *dinheiros* dos reinados anteriores a Afonso III que se nota no achado da Gramacha, depositado na época de Pedro I; e, para tal, bastará atender à lei de Gresham, implícita no comentário que Mestre ARAGÃO faz a propósito: «Fixou-se o valor da moeda antiga, aumentando o da nova no equivalente de 4:3; o que necessariamente devia fazer desaparecer da circulação a primeira» (2).

A falta de *dinheiros* dos primeiros reinados no achado do Atalaião, admitindo que o tesouro não os incluía, poderá servir para suspeitar da sua raridade na época de Afonso III (possivelmente, já verificada na de Sancho II) em virtude de terem sido batidos em pequenas quantidades e, cremos bem, de melhor lei.

\*

Com estas achegas e outras que decorrem de variadas fontes, se tentará ordenar as peças que constituem a numária medieval adentro do sistema monetário que assistiu aos primeiros passos do Estado Português.

---

(1) Possivelmente quando das lutas entre Afonso III de Portugal e o sogro, Afonso X de Leão e Castela, que afectaram o Alentejo fronteiro em 1261-62.

(2) *Ob. cit.*, I, 163.

# CLASSIFICAÇÃO DE LOPES FERNANDES

## D. SANCHO I

REX SANCIVS

SANCIO REX

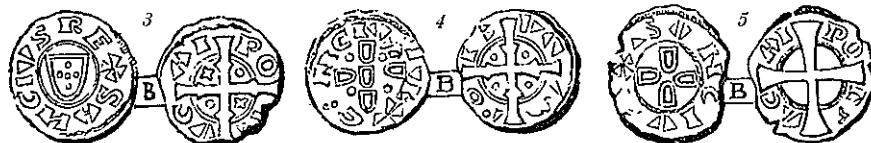


## D. SANCHO II

REX SANCIVS

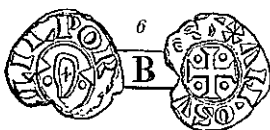
REX SANCIVS

REX SANCIVS



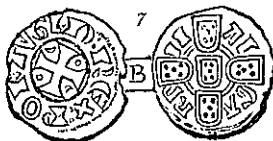
## D. AFONSO III

REX ALFOSV



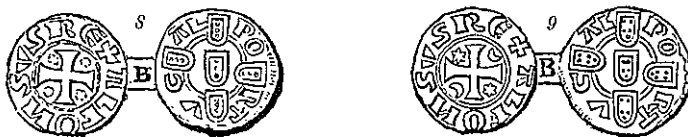
## D. DINIS

D. REX PORTVGL



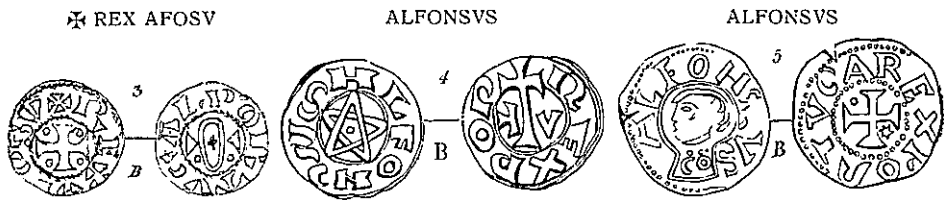
## D. AFONSO IV

ALFONSVS REX



CLASSIFICAÇÃO DE ARAGÃO

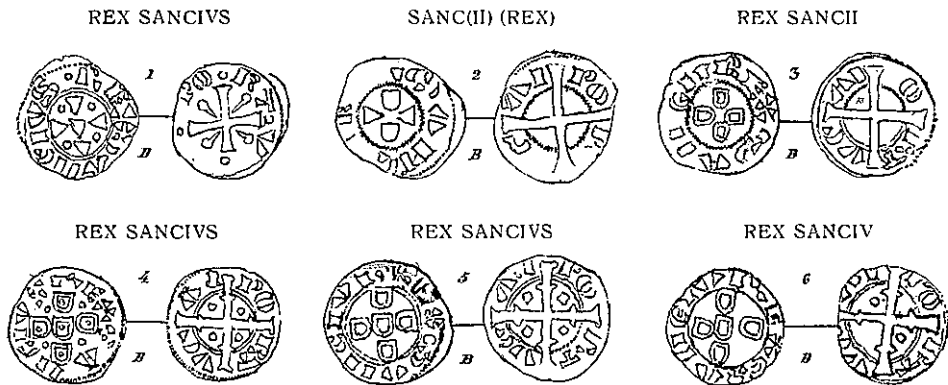
D. AFONSO I



D. SANCHO I



D. SANCHO II



D. AFONSO III

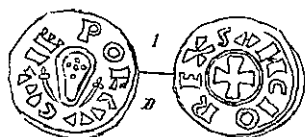


CLASSIFICAÇÃO DE M. ALEXANDRE DE SOUSA

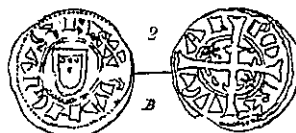
(RELATIVO AOS SANCHOS)

D. SANCHO I

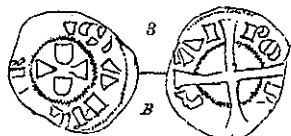
(✠ REX SANCIO)



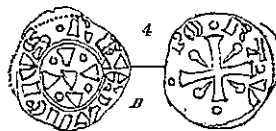
REX SANCIVS



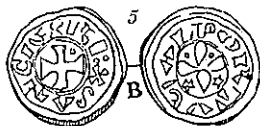
SANC(II) R(EX)



REX SANCIVS

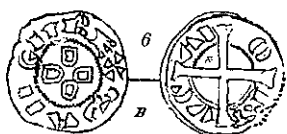


(✠ REX SANCIO)

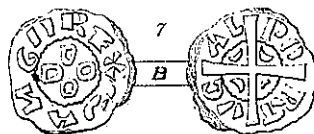


D. SANCHO II

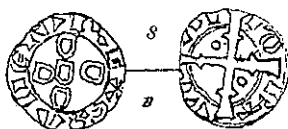
(SANCII REX)



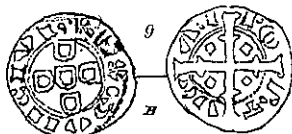
REX SANCII



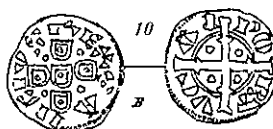
REX SANCIV



REX SANCIVS



REX SANCIVS



MOEDAS RECENTEMENTE REVELADAS

Fig a



✠ REX AFOSO  
PO RT VG AL

Fig. b



REX ALFO S  
PORTVGA

Fig. c



✠ AFO(N)S V(S)  
✠ POR(TV)GAL